

## RESENHA DE PERSPETIVISMO E ARGUMENTAÇÃO, DE RUI ALEXANDRE GRÁCIO

Moisés Olímpio Ferreira<sup>i</sup>  
Kelly Cristina de Oliveira<sup>ii</sup>

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Perspetivismo e Argumentação**. Coimbra: Grácio Editor/Instituto de Filosofia da Linguagem, 2013.

Rui Alexandre Lalanda Martins Grácio, escritor e editor português, graduado e mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, é responsável por uma significativa produção acadêmica no domínio dos estudos da Retórica e da Argumentação, tendo por marco de investigação a obra *Racionalidade Argumentativa* (1993). A partir de então, não foram poucos os livros, os ensaios, os artigos, as traduções (dentre as quais, a do livro *O Império Retórico*, de Chaïm Perelman), que constituem, hoje, um todo organicamente integrado, coerente e relevante para os estudos da Argumentação. Desse conjunto de trabalhos, pode-se destacar: *Consequências da Retórica* (1998), *Discursividade e perspectivas. Questões de argumentação* (2009), *A interação argumentativa* (2010), *Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didáticas* (2010 – tese de doutorado), *Fenomenologia, Hermenêutica, Retórica e Argumentação* (2011), *Teorias da argumentação* (2012), *Vocabulário Crítico de Argumentação* (2013) e, finalmente, *Perspetivismo e Argumentação* (2013).

---

<sup>i</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. E-mail: moisesolim@usp.br.

<sup>ii</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. E-mail: kellycristina@usp.br.

Rui Grácio, servindo-se, nesta última obra, das etapas pelas quais a sua investigação passou ao longo do tempo, propõe apresentar, entre os muitos itinerários metodológicos existentes que caracterizam os estudos atuais da argumentação (cf. EEMEREN, 2003; PLANTIN, 2001; DOURY e MOIRAND, 2004), a sua trajetória teórica que parte da questão que lhe é crucial: *como teorizar a argumentação?* A avaliação que propõe fazer mantém o foco na *adequação descritiva*, ou seja, na determinação da especificidade do campo da argumentação.

Certas questões motivadoras orientaram as suas preocupações: *que fenômenos estuda a teoria da argumentação? quais são as suas tarefas descritivas? Que foco de incidência se ajusta ao seu estudo?* Segundo pensa, o elemento decisivo para se tratar dessas questões é a "boa distância" que a análise deve tomar, favorecendo a captação da *dinâmica prática e o sentido vital* dos processos argumentativos, sem as pretensões formalizantes, formulárias ou funcionalistas que domesticam a argumentação, pois elas convertem as práticas argumentativas em meras técnicas resolutivas e padronizadas, espoliando-as de sua conexão com a vida prática e, enfim, com as conflitualidades e contingências inerentes à vida social.

Certas linhas teóricas que se situam distantes da perspectivação, do confronto, da problematicidade, das respostas práticas e participativas possíveis, das hipóteses a serem testadas, apenas buscam o ajustamento justificativo, ou seja, a solução normativa e absoluta pelo estudo, análise e avaliação dos raciocínios, ao que Grácio se posiciona no contrapé, pois se insere no *perspectivismo*, que valoriza o *problema*, a *oposição*, a *multilateralidade*, a *tematização* que, em conjunto, definem a *focalização* adequada à *situação argumentativa*, que sempre está sócio-historicamente situada.

Fundamentado nas obras de Aristóteles (1987, 1998, 2009), o autor insiste na ideia de que os *processos seletivos da descrição* têm ocorrência no *plano intermédio*. Ora, nem tudo pode ser posto em controvérsia já que, por um lado, certos aspectos estão adquiridos e, portanto, demonstrados ou facilmente demonstráveis, e, por outro, certos assuntos estão em território cuja validação parece inalcançável. A argumentação situa-se, assim, no *caráter intermédio* das polémicas, entre a evidência e os meios de demonstração especializados. Depreende-se, então, que a argumentação sempre estará

ancorada contextual e pressuposicionalmente, e se ocupará menos do *discutível* do que da *discussão*, do *discutido* e dos *discutidores*.

De forma articulada a essas ideias, Rui Grácio ainda se apropria do conceito aristotélico de que as conclusões nos processos de argumentação remetem a formas discursivas de abordagens dos assuntos, focalizando a apresentação de perspectivas sobre eles, já que, da parte do orador, não se exigem demonstrações. É justamente no *nível intermédio* - em que se situam a Retórica e a Dialética, que lidam com as questões desprovidas de ciência ou de arte especializada que delas dê conta - que o *grosso modo*, o *vago*, o *impreciso*, os *traços essenciais*, as *conclusões aproximadas* dos pressupostos das questões se tornam relevantes para o mundo dóxico, em contrapé do *detalhe* e do *rigor* da articulação formal dos raciocínios que se ligam, por excelência, à demonstração.

Com isso, pretende-se fugir do mecanicismo técnico e instrumental da argumentação - com seu receituário de estratégias “eficazes” -, para o seu uso deliberativo, portador de sentido singularizado e comunitário, cuja prática argumentativa, entendida como forma de racionalidade desenvolvida no exercício da própria cidadania, é elaborada no âmbito da vida comum, na participação cidadã, na paridade comunitária, no mutualismo dialógico, sem o recurso à declaração lógica da Verdade ou aos dogmatismos que cerceiam as diferentes perspectivas. Nesse sentido, Grácio acompanha Angenot (2008), Carrilho (2012), Plantin (1996, 1999), e entende que a tônica da argumentação não está em persuadir, mas em conviver; está na comunicação, entendida como ato de interação, de troca, em que as discórdias não implicam necessário rompimento do convívio humano (BAUMAN, 2006).

O autor vai ainda mais além quanto à circunscrição da *adequação descritiva* da argumentação. Seguindo Cunha & Sousa (2005) e Conley (2003), ele assinala que a análise sob uma criteriologia lógica, qualquer que seja a sua forma de expressão, formal (validade) ou informal (plausibilidade), não corresponde, de fato, às condições reais de uma *situação argumentativa* em sua pluralidade de aspectos relevantes (contextos, orador, auditório, convicções, paixões, valores, produção e interação entre argumentos, interação entre argumentos e situação argumentativa, perspectivação dos assuntos, avaliações dos discursos, tempo útil de decisão etc.). A ênfase na pura análise lógico-inferencial, na mera observação dos procedimentos analítico-proposicionais, em grande parte visada por diversos estudos da

argumentação, porta o demérito da dimensão situacional dos argumentos, do dinamismo prático e interativo, e, por isso, não raramente, ao pôr em evidência os esquemas argumentativos, ela os acaba empobrecendo. Ora, esses conceitos organizados e defendidos por Grácio estão intimamente associados ao *plano intermédio*, já que, situando a argumentação para além do trivial e do certo, o autor faz eco a Brockriede, que a posiciona “...na escala intermédia do continuum do mais ou menos da lógica variável e não da lógica categorial” (1992, p. 77). Nessa linha de pensamento, não mais importam os fundamentos dicotômicos de limites opostos *verdade* x *falsidade*, mas as ideias de *intensidade* e *adesão*, tão defendidas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (1988).

O que se destaca na teorização proposta é que as questões motivadoras do autor relativas à *adequação descritiva* tanto evitam o extremo do pan-argumentativismo, em que falar = argumentar (GRIZE, 1996 e 1997; PERELMAN, 1977; AMOSSY, 2006 e 2009) quanto as arraias das formas restritas de abordagem, centradas em raciocínios desconectados das perspectivas inerentes à *situação argumentativa* (ANSCOMBRE e DUCROT, 1993; BLAIR e JOHNSON, 1987; BLAIR, 1992; WALTON, 1990 e 2006).

Grácio defende que se parta da interação e do registro tensional em que esta se desenvolve. Salientando a *dinâmica interativa* com suas tensões e situacionalidade, a obra propõe que a convergência da *situação argumentativa* seja feita nos *assuntos em questão*, cuja *tematização*, associada à noção de *orientação* (perspectiva descritiva) e definida como *seleção* e *articulação dos recursos* convocados para o agenciamento do *em questão*, liga-se ao ponto crucial da abordagem que Grácio sustenta: o *perspectivismo*, que, na sua articulação com a Nova Retórica perelmaniana, encerra uma vertente *pragmática*, ligada à premência da ação, e uma vertente *agonística*, ligada à conflitualidade interspectivista.

Na *tematização*, um *assunto*, sempre situacional e referenciado, “abre possíveis e cruza o possível com o preferível” (p. 40), é uma categoria multidimensional da problematicidade, cujos considerandos (dados, questões, posições do sujeito, seletividade, filtragem, saliência etc.) não permitem, frequentemente, uma solução que esgote o problema.

O *assunto em questão* nasce da *dinâmica interativa* de uma *situação argumentativa* (constituída por *diferendos argumentativos*), que ultrapassa os *simples episódios de contradição conversacional*. É na *tematização* que o *em*

questão, que se dá na eclosão de respostas antagônicas provenientes das possíveis perspectivas de sujeitos em oposição, toma corpo e dá corpo à argumentação. Esse *em questão*, para além dos raciocínios analíticos impessoais (criteriologia lógica), e da autonomia linguística da visão pragmático-semântica (Ducrot), e do quadro dialógico e polifônico no discurso (Amossy), e do conceito de resposta inerente ao discurso (Meyer), é, para Grácio, a “presença efetiva de um discurso e de um contradiscurso” (p. 42). Nesse tipo de configuração, exige-se, necessariamente, a distinção entre *argumentatividade* (intrínseca à discursividade, presente nos discursos argumentados em geral) e *argumentação* (própria à oposição discursiva dialogal [no mínimo, bilateral], polarizada, poligerida), e atribuí ao analista o papel de descrever o fenômeno “da crítica e da avaliação do discurso de um pelo discurso do outro” (p. 45), ideia esta que segue os rastros de Plantin (2009): “...quanto mais avaliações houver, mais argumentações apaixonantes haverá para descrever”.

Com esses pressupostos centrados no *assunto em questão*, que demarcam as suas tarefas descritivas, que não mais lhe validam a finalidade última da *persuasão* e, ainda, que rejeitam “tomar a linguagem e o discurso como o ponto de partida para explicar as situações de argumentação” (p. 51), Rui Grácio assim a define: “a argumentação é a disciplina crítica de leitura e interação entre as perspectivas inerentes à discursividade e cuja divergência os argumentadores tematizam em torno de um assunto em questão” (p. 47). No capítulo 5, o autor fixa com precisão os limites e os sentidos dos termos que compõem essa sua definição.

Por fim, a obra procura mostrar as consequências decorrentes dessa definição para o estudo e o ensino da argumentação: a) valorização da leitura argumentativa como leitura crítica do discurso e do contradiscurso, em confronto de perspectivas; b) revisão do conceito negativo de falácia, pois, inserindo-a no quadro dos aspectos comunicacionais e situacionais, ela passa a ser uma estratégia argumentativa, o que põe em foco menos os argumentos do que os argumentadores e seus propósitos comunicativos; c) partindo do princípio de que as competências argumentativas são peculiares ao ser humano, Grácio segue Goodwin que admite, como estratégia pedagógica, que os alunos não sejam doutrinados, mas desafiados “a adotarem perspectivas mais afinadas e a alargarem a sua capacidade de comunicarem de forma diferente em contextos diferentes” (2005, p. 81).

Assim, a obra consegue articular argumentação e perspectivismo, valorizando a conflitualidade e a contingência inerentes à prática dos processos comunicativos. *Perspetivismo e Argumentação*, propondo uma terceira via entre as teorias generalizadoras e restritivas, entre as abordagens descritiva e normativa, sustenta a definição de Argumentação sobre os pilares da interação situada, confrontativa, perspectivada, em torno da qual os assuntos em questão são tematizados.

## Referências

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.

\_\_\_\_\_. Coconstructing the 'reasonable' in verbal exchanges: Theory of argumentation and discourse analysis. In. RIBEIRO, Henrique Jales (ed.). **Rhetoric and Argumentation in the Beginning of the XXst Century**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 153-164.

ANGENOT, M. **Dialogues de sourds. Traité de rhétorique antilogique**. Paris: Mille et une Nuit, 2008.

ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles: Pierre Mardaga Editeur, 1993.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. Lisboa: Quetzal, 2009.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Lisboa: Relógio de Água, 2006.

BLAIR, J.A. Everyday argumentation from an informal logic perspective. In. BENOIT, W.L.; HAMPLE, D.; BENOIT, P. J. (Eds). **Readings on argumentation**. Berlin/New York: Foris Publications, 1992, p. 357-376.

\_\_\_\_\_; JOHNSON, R. H. The current state on Informal Logic. **Informal Logic**, IX, 1987, p. 357-376.

BROCKRIED, W. Where is Argument? In. BENOIT, W.L.; HAMPLE, D.; BENOIT, P. J. (Eds). **Readings on argumentation**. Berlin/New York: Foris Publications, 1992.

CARRILHO, M.M. **Pensar o mundo**. 2 vols. Coimbra: Grácio Editor, 2012.

CONLEY, T. What jokes can tell us about arguments. In. JOST, W.; OLMSTED, W. (eds). **A companion to rhetoric and rhetorical criticism**. Blackweel Publishing, 2003.

CUNHA, T.C.; SOUSA, A. A racionalidade retórica. In. FIDALGO, A.; RAMOS, F.; OLIVEIRA, J. P.; MEALHA, Ó. **Livro de Atas do 4º. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 4º. SOPCOM**. Aveiro: Comissão Editorial da Universidade de Aveiro, 2005, p. 1828 – 1836.

DOURY, M.; MOIRAND, S. (org.). **L'argumentation aujourd'hui. Positions théoriques en confrontation**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

EEMEREN, F. H. van. A glance behind scenes: the state of the art in the study of argumentation. **Studies in communication sciences** 3/1, 2003.

GOODWIN, J. What does Arguing look like? **Informal Logic**, 25, 2005, p. 79-93.

GRÁCIO, R. **Racionalidade Argumentativa**. Porto: Edições ASA, 1993.

\_\_\_\_\_. **Consequências da Retórica**. Para uma revalorização do múltiplo e do controverso. Coimbra: Pé de Página Editores, 1998.

\_\_\_\_\_. **Discursividade e perspectivas. Questões de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Interacção Argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

\_\_\_\_\_. **Para uma teoria geral da argumentação: questões teóricas e aplicações didácticas**. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais. Tese de doutoramento, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia, Hermenêutica, Retórica e Argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2011.

\_\_\_\_\_. **Teorias da argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário crítico de argumentação**. Coimbra: Grácio Editor/Instituto de Filosofia da Linguagem da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

GRIZE, J.-B. **Logique naturelle et communications**. Paris: PUF, 1996.

\_\_\_\_\_. **Logique et langage**. Paris: Ed. Ophrys, 1997.

MEYER, M. **Qu'est-ce que l'argumentation ?** Paris: J. Vrin, 2005.

PERELMAN, C. **L'empire rhétorique. Rhétorique et Argumentation**. Paris: J. Vrin, 1977.

FERREIRA, Moisés Olímpio; OLIVEIRA, Kelly Cristina. Resenha de *Perspetivismo e Argumentação*, de Rui Alexandre Grácio. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 288-295, dez.2014.

---

\_\_\_\_\_; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation. La Nouvelle Rhétorique**. Bruxelles: Éd. de l'Université de Bruxelles, 1988.

PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Seuil, 1996.

\_\_\_\_\_. La interacción argumentativa. **Escritos** 17/18, 1999, p. 23-49.

\_\_\_\_\_. L'argumentation entre discours et interaction. In. **Lenga, discurso, texto**. I Simpósio Internacional de Análisis del Discurso. Visor Libros, 2001, p. 71-92.

\_\_\_\_\_. Deixem dizer: a norma do discurso de um está no discurso do outro. **Revista Comunicação e Sociedade**, vol. 16, 2009, p. 145-161.

WALTON, D. What is reasoning? What is an argument? **Journal of Philosophy**, vol. 87, 1990, p. 399-419.

\_\_\_\_\_. **Fundamentals of Critical Argumentation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.